ROUPA

O *SeaB2*, um blusão que não limita os movimentos e se transforma em salva-vidas em caso de queda ao mar, é uma das peças que a Damel, de Vítor Paiva, produz na Póvoa de Varzim.

QUE PENSA

CAMISOLAS INTELIGENTES QUE SE ADAPTAM À TEMPERATURA, CALÇADO QUE NOS DÁ INFORMAÇÕES SOBRE O ESTADO DO NOSSO CORPO, CASACOS QUE SALVAM VIDAS NO MAR. NOS ÚLTIMOS ANOS, A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA PERMITIU AVANÇOS TÃO GRANDES NA ÁREA TÊXTIL QUE É DIFÍCIL ESTAR A PAR DE TANTA INOVAÇÃO. O ESCRITOR **RUI ZINK** FOI CONHECER ALGUNS DESTES CASOS, COM IDEIAS E TECNOLOGIA BEM PORTUGUESAS.

TECNOLOGIA

Já imaginou como será o futuro? Irmos andar de barco e vestirmos um blusão que, se cairmos ao mar, serve também de colete salva-vidas? Ou uma roupa desportiva que, além de nos ajudar a treinar, faça também exercício por nós – por exemplo, ajude a reduzir a celulite? Ou umas meias-polainas que impeçam ramos, gravilha e terra de se enfiarem no calçado quando corremos? E que tal uma camisola, autorregulada, que identifique quando temos frio ou calor? Ou roupa que, em zonas onde haja riscos de dengue ou malária – ou simplesmente no verão – possa repelir com eficácia o chato do mosquito?

Já agora, que tal umas sapatilhas que comuniquem ao telemóvel o estado geral do nosso corpo? E não será simpático que, na eventualidade de estarmos feitos James Bond a ser perseguidos por mísseis ou drones ou simplesmente um primo chato, o nosso casaco nos possa tornar virtualmente invisíveis aos sensores térmicos?

Pois temos três boas notícias. Esses produtos futuristas já existem. Foram todos concebidos e patenteados por empresas portuguesas. E foram premiados.

O têxtil hoje faz coisas. A roupa já não é só para vestir, agora espera-se cada vez mais que trabalhe para nós e, sobretudo, que trabalhe connosco. É um princípio interessante: a roupa que nos veste portar-se como agente, colaborador, parceiro no jogo.

O futuro não é tão mau como o pintam e, na indústria têxtil, promete pelo contrário ser melhor. Já é melhor. Protegendo a nossa integridade física, a nossa saúde, promovendo as nossas capacidades e, ao mesmo tempo, fazendo-nos sentir bem na nossa pele. Nomeadamente, o têxtil participa há muito na luta contra os incêndios, tanto para civis como para bombeiros. Já há alcatifas anti-incêndio, à prova de água. O têxtil tem aplicações com as quais nós, leigos, nem sonhamos, mas nas quais laboratórios e empresas ponderam diariamente.

Hoje, um jovem de 11 anos pode vestir camisolas antitranspiração inacessíveis aos melhores atletas de há um par de décadas. E será agradável podermos sair à rua no tempo frio sem termos de nos encasacar nem começarmos a transpirar se, num repente, houver um raio de sol. Então nós, com o nosso clima abençoado mas sempre aos saltinhos nervosos, ora sol ora chuva, ora calor ora vento, talvez precisemos não só de roupa inteligente mas de roupa neurótica, ou neuroticamente inteligente, para acompanhar as

A ISPO, EM MUNIQUE, É A MAIOR FEIRA INTERNACIONAL DE DESPORTO E PRODUTOS ASSOCIADOS ÀS ATIVIDADES DE SAÚDE E AR LIVRE, QUE ABARCA TAMBÉM AS NOVAS TENDÊNCIAS DO TÊXTIL. EM 2016, 31 EMPRESAS PORTUGUESAS FORAM LÁ MOSTRAR OS SEUS PRODUTOS INOVADORES.

súbitas e frequentes mudanças de humor climático. Aqui fica uma sugestão de nome para uma linha de moda: Coleção Woody Allen.

Muitas vezes os pescadores não têm o salva-vidas posto porque tolhe os movimentos. É um problema de *design*, de materiais, de relação entre forma e função. Mas é o que fascina os cérebros engenhocas desta indústria: se há um problema, como é que o vamos resolver? É por isso que muitas empresas, como a Damel, da Póvoa de Varzim, têm o seu próprio gabinete de pesquisa. Também para isso existe o Citeve (Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal), uma verdadeira cidade do futuro que, a partir de Famalicão, oferece os seus serviços às empresas, assegurando-lhes que terão uma parceria com um dos mais avançados laboratórios de investigação do mundo. Um polo de pesquisa em permanente diálogo com empresas, criadores, oferta, procura, e o contínuo questionar – «E se?» – que é a essência do trabalho científico.

Foi justamente em parceria com o Citeve que a Damel concebeu o *Coldfit*, um fato para motorizada que assegura maior visibilidade, mais segurança, maior resistência às baixas temperaturas. «E estamos agora a desenvolver um projeto para avalanches», diz Vítor Paiva, CEO da empresa. «Um sistema que ative imediatamente um mecanismo de emergência, quer para pedir socorro quer para proteger a pessoa o mais possível – mantê-la a respirar, nomeadamente. É uma missão impossível, mas nós vamos pôr mãos à obra.»

Investigação e produção estão hoje, mais do que nunca, de mãos dadas, cruzam-se num mesmo tecido. São empresas nacionais com ambição internacional, cientes de que «competir» e «promover» e «vender» são conceitos interligados que não podem estar dependentes dos baixos custos de produção – antes, cada vez mais, de qualidade e *performance*.

E sim, é preciso mostrar. Não só para isso, mas também para isso, servem as feiras internacionais: saberem que existimos. Só é possível fazer negócio com quem se dá a ver. «O que cobiçamos, Clarice?», ensinou Sir Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes*. «O que está à nossa frente.» E nada melhor do que a ISPO de Munique, no país europeu mais fascinado com tecnologia, para Portugal mostrar o quão à frente pode estar.

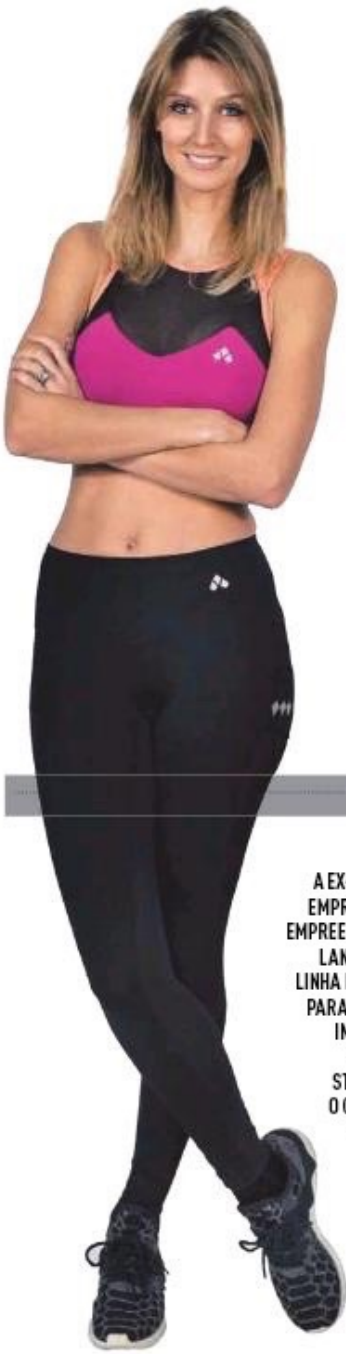
Para quem não sabe, a ISPO é a maior feira internacional de desporto, ou de produtos associados às atividades de saúde e ar livre. Em 2016 contou com a participação de 2645 empresas, oitenta mil profissionais, 120 países. Dezasseis pavilhões organizados de acordo com grandes áreas temáticas, desde o *surf* e o esqui às novas tendências do têxtil, tanto em moda (cores, padrões) como em princípios (o respeito pelo meio ambiente) e inovação científica. Trinta e uma empresas portuguesas estiveram presentes, com o apoio do Compete2020 e organização da Selectiva Moda. Podemos perguntar: vir até cá será um investimento que compensa? A resposta: «Quem não está cá é como se não existisse», diz Paulo Rodrigues, diretor industrial da Fiorima. «Quem sabe onde fica Barcelos?»

POR ACASO BARCELOS JÁ ESTÁ NO MAPA-MÚNDI DO TÊXTIL (tal como o triângulo com Braga e Famalicão), mas isso é um pormenor. Importante é também o facto de na ISPO haver prémios em diversas categorias atribuídos por júris de profissionais – desde cientistas a operadores de moda – de reconhecida competência. Esses prémios são uma mais-valia para quem a eles concorre: obriga a apurar o trabalho em todas as suas vertentes. De certo modo, melhora inclusive as técnicas de promoção. Terá ou não algo a ver, mas os *stands* do Citeve e da Fiorima apresentam curtos vídeos bastante eficientes tanto no conteúdo como na forma da apresentação, ambos feitos em Portugal.

O número de patentes internacionais certificadas (tradução: propriedade intelectual registada) aumenta também de forma notável. É o caso da peúga-polaina da Fiorima. «Havia produtos parecidos, mas nenhum com aquela dupla função», diz Paulo Rodrigues. «Foi isso que nos levou ao registo da patente. Conseguimos juntar funcionalidades no mesmo produto. Fica mais barato.»

O Citeve, em Famalicão (em baixo), é um dos mais avançados laboratórios de pesquisa do mundo na área têxtil. Um polo de investigação em permanente diálogo com empresas, criadores, oferta e procura. A Fiorima, que produz meias (algumas com sinalização LED embutida) ou a Damel (em cima), que está a desenvolver um fato à prova de avalanches, são clientes do centro.

O TÊXTIL HOJE FAZ COISAS. A ROUPA JÁ NÃO É SÓ PARA VESTIR, AGORA ESPERA-SE CADA VEZ MAIS QUE TRABALHE PARA NÓS E, SOBRETUDO, CONNOSCO. É UM PRINCÍPIO INTERESSANTE: A ROUPA QUE NOS VESTE PORTAR-SE COMO AGENTE, COLABORADOR, PARCEIRO.



A peúga-polaina é um dos cinco produtos diferenciadores da marca de meias sediada em Braga. Os outros são a sinalização LED embutida, a impressão 3D (sem quebras no padrão), as meias para diabéticos e – a cereja no bolo – a BiCoSiCa, que combina de forma inaudita biocerâmica, carbono, cobre e prata. «Isto são apenas matérias-primas. Só que nós fizemos a combinação. E assim conseguimos a patente.»

No ano passado, 34 prémios foram ganhos por empresas portuguesas na ISPO. Um dos maiores sucessos – e medalha de ouro – foi o casaco insuflável *Sea B2*, da Damel, que apresentou na feira uma roupa menos desportiva mas talvez ainda mais socialmente responsável: um fato de pesca seguro e prático.

Um novo jogador na indústria têxtil são as empresas que asseguram o selo de Produto Amigo do Ecossistema. O termo «pegada de carbono» designa a emissão de gases com que, queiramos ou não, poluímos a atmosfera. Um caso sério, as alterações ao clima – pelo menos enquanto for neste planeta que passamos a maior parte do nosso tempo. Sabia que uma simples *T-shirt* deixa pesadas pegadas de carbono? O equivalente a seis quilos. Se juntarmos a isso a nossa transpiração e outros fatores, uma pessoa quase fica envergonhada de não andar nua. Só que não podemos nem queremos: a roupa é-nos fundamental. Ela é, em grande parte, o que nos faz humanos: nós somos o animal que, para se proteger ou sentir melhor, vai buscar elementos exteriores e os combina de forma gira.

O «giro» aqui é capital. A roupa é também a alegria de olhar. Mas sejamos honestos: durante séculos o nosso amor às roupas coloridas nem sempre fez bem ao planeta. O Bangladesh ainda tem rios completamente poluídos, a par de outros que talvez nunca voltem a ser rios. A preocupação do têxtil português é, doravante, continuar a ter belas cores e padrões, mas *eco-friendly*. E é também isso que está a ser estudado, investigado, descoberto, patenteado e posto em prática. Não tarda e empresas como a Tintex, de Vila Nova de Cerveira, estão a trabalhar para isso. Será possível cuidar do milagre das rosas: proteger o ambiente a custos compreensíveis?

Sim, o têxtil está a mudar. E este Portugal que ganha o Euro, lidera a ONU e vai a jogo sem medo dá cartas também, não só no têxtil, mas no modo como o têxtil pensa o mundo e responde à evolução do mundo. Roupa que dialoga com o nosso telemóvel ou computador para melhor agendar a nossa vida? Já existe. O futuro não é só agora, o futuro é uma nau, por sinal bem portuguesa.

Por isso não se assuste quando, numa pastelaria, a blusa que comprou de repente avisar: «Psst, não coma esse bolo, faz mal ao colesterol.» Afinal, é apenas a sua roupa a mostrar o quanto pensa em si.

O CAMINHO DAS ESTRELAS DE DIANA PEREIRA

A EX-MODELO, EMPRESÁRIA E EMPREENDEDORA LANÇOU UMA LINHA DE ROUPA PARA FITNESS, INSPIRADA NA SÉRIE STAR TREK. O CÉU NÃO É O LIMITE.

• Como surgiu esta aventura?
Há muito que eu tinha o sonho de criar uma linha *fitness*. Acho que foi uma ótima sinergia, esta com a Botton. Era uma marca portuguesa de que eu já gostava, na confeção e nos cuidados. Eu ia criar a minha marca, mas entretanto falei com eles a nível de confeção e juntámo-nos. Achámos que era boa ideia eu criar uma coleção para eles. Correu lindamente, a nível dos tecidos, dos materiais. Quis criar uma coleção muito técnica, muito feminina. Um pouco diferente do que a Botton já tinha. Quisemos criar materiais um pouco diferentes do que eles usavam.

• E foi buscar inspiração à ficção científica...
A coleção é um bocadinho baseada no *Star Trek*. É uma linha futurista, e tem o nome de algumas personagens. Mr. Spock, Capitão Kirk... São coisas com que me identificava e me faziam lembrar a série.

• E o que acha que vai tocar as pessoas?
Acho que vai tocar a parte mais feminina. É uma coleção em pretos, a cor de que eu gosto mais, até para desporto. Houve uma altura em que se usavam muitas cores, estampados, mas continuo a apostar no preto, na sua simplicidade e no facto de ser muito feminino. E principalmente os cortes. O facto de haver compressão em algumas zonas, abdómen e coxas, que é uma coisa que a mulher sempre procura. A intenção é a mulher vestir-se e sentir que metade do trabalho está feito.

• Não é muito habitual a pessoa que concebe ser também quem dá o rosto e o corpo.
Sempre trabalhei em moda e a minha profissão era mesmo essa: dar a cara. Achei que «Diana Pereira» como marca também já existe. Não faria sentido chamar outra pessoa, quando eu desenhei as peças, pensei nelas, tive esta equipa fantástica a trabalhá-las e a fazê-las e a torná-las reais. A marca sou mesmo eu.